



A Subjetividade e suas Relações com a Psicopatologia numa Perspectiva Fenomenológica

Luzineide de Sousa dos Santos Vieira¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo geral delimitar o conceito de subjetivação, bem como analisar suas formas de expressão, considerando os modos de ser-no-mundo e suas relações com a Psicopatologia na contemporaneidade, numa visão fenomenológica. Ao longo deste trabalho faz-se uma abordagem epistemológica, focando, inicialmente, o caráter coletivo da subjetividade e analisando os processos de subjetivação na contemporaneidade. Posteriormente, aborda-se o fenômeno psicopatológico numa visão compreensiva, configurando-o como processo que se traduz nos modos de ser-no-mundo inerentes a cada sujeito. Nas considerações finais, enfatiza-se o caráter vivencial, experiencial do sujeito em suas possibilidades de ser-no-mundo, cuja investigação aqui apresentada, numa perspectiva fenomenológica, parte do princípio de tentar compreender a subjetividade do ser e suas implicações no fenômeno psicopatológico; é sempre uma busca por compreender a condição subjetiva do sujeito, porque é algo cujo acesso nunca é por completo, pois não abarca a totalidade do modo de ser e existir de cada um.

Palavras-chave: subjetividade; processo de subjetivação; modo de ser-no-mundo; experiência existencial; fenômeno psicopatológico.

Subjectivity and its Relations with Psychopathology from a Phenomenological Perspective

Abstract: This article aims to define the concept of subjectivation and analyze its forms of expression, considering the modes of being-in-the-world and their relations with Psychopathology in contemporary times, from a phenomenological perspective. Throughout this work, an epistemological approach is taken, initially focusing on the collective character of subjectivity and analyzing the processes of subjectivation in contemporary times.

¹ Graduada em Letras (Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e em Psicologia (Bacharelado), pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO); Especialista em: Ensino de Língua Portuguesa e Arte-Educação pela Universidade Regional do Cariri (URCA); Docência do Ensino Superior (UNILEÃO); Saúde Mental (UNILEÃO), Psicologia Hospitalar pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI), Psicologia Hospitalar pela Faculdade Unyleya.. Orcid: 0000-0002-3949-1711. Contato: luzineided@yahoo.com.br.

Subsequently, the psychopathological phenomenon is addressed from a comprehensive perspective, configuring it as a process that translates into the modes of being-in-the-world inherent to each subject. In the final considerations, the experiential character of the subject in their possibilities of being-in-the-world is emphasized, the investigation of which, presented here from a phenomenological perspective, starts from the principle of trying to understand the subjectivity of being and its implications in the psychopathological phenomenon. It is always a quest to understand the subjective condition of the subject, because it is something that can never be fully accessed, as it does not encompass the totality of each person's way of being and existing.

Keywords: subjectivity; process of subjectivation; way of being-in-the-world; existential experience; psychopathological phenomenon.

Introdução

Pensar a construção da subjetividade e suas relações com o fenômeno psicopatológico sob o ponto de vista fenomenológico requer, sobretudo, analisar a priori as discussões que algumas literaturas concebem a respeito do assunto, e assim estabelecer uma ponte com as proposições da Fenomenologia.

Convém destacar a formação da subjetividade, considerando o sujeito como o principal expoente da coletividade que necessariamente precisa do outro para produzir e gerar subjetividades, influenciado por sua cultura e pelas relações interpessoais.

Embora resulte da confluência de discursos em níveis macro e microestruturais, numa relação dialética com a processualidade do sujeito e com os sentidos que este atribui a sua experiência, a subjetividade confere ao ser humano a sua singularidade, o caráter de particularidade, que desenvolve no sujeito uma auto-imagem ou sentido de self¹.

O fenômeno psicopatológico está intrinsecamente ligado à processualidade do sujeito e às suas condições psicológicas construídas ao longo de sua história, que se faz presente no modo como cada sujeito se projeta no mundo. A compreensão desse fenômeno, portanto, numa perspectiva fenomenológica, deve levar em consideração a experiência existencial do sujeito, a partir da configuração de sua subjetividade, que emerge no seu modo de ser-no-mundo.

Este trabalho possivelmente viabilizará uma compreensão plausível acerca dessa questão. Caracterizado como uma análise epistemológica, objetiva discutir e delimitar o conceito de subjetividade como processualidade e potência de produção de mundos, considerando suas relações com o fenômeno psicopatológico, numa visão fenomenológica.

A fim de atingir esse objetivo, foi desenvolvido um conjunto de atividades sistemáticas e racionais, tais como: pesquisa bibliográfica, fichamento, análise e interpretação dos pressupostos teóricos encontrados em literatura pertinente. Diante disso, espera-se instigar discussões que apontem para a compreensão do fenômeno psicopatológico, levando-se em consideração a experiência existencial, os modos de ser-no-mundo como expressões da subjetividade. Diante disso, destaca-se a relevância deste trabalho investigativo, que contribuirá para ampliar o escopo da pesquisa nesse âmbito, buscando compreender esse fenômeno tão básico da experiência existencial.

Aspectos Históricos da Subjetividade

Conforme Fernando González Rey (2003), as experiências configuram-se a partir de determinadas conjunturas históricas, que possibilitam determinadas vivências e que requerem concepções específicas. Isso pode ser visto na transformação histórica que constitui o homem da modernidade.

A constituição histórica do homem como sujeito possui, como um de seus corolários, o reconhecimento, a ampliação e a valorização das experiências individuais e subjetivas. Esse processo se dá, por exemplo, com o surgimento e com o desenvolvimento do capitalismo e da modernidade, enquanto conjunto de ideais que expressa essa realidade histórica. Esse processo, contudo, é ativo, uma vez que passa pela seletividade do sujeito.

A afirmação do homem como sujeito ocorre na contemporaneidade a partir de várias referências que se articulam: o racionalismo, o individualismo e a nova noção de conhecimento com o estabelecimento da ciência moderna e contemporânea. Contudo, ocorre, principalmente, como expressão mediada da realidade material. O sujeito é o homem que pode dominar a natureza, produzir e consumir, e pode fazê-lo por si só.

A gênese desse homem moderno está, então, no desenvolvimento de novas forças produtivas – as forças produtivas capitalistas – e no surgimento das novas relações sociais de produção entre burguesia e proletariado. Esse contexto histórico produz também uma ideologia, o liberalismo, que delimita a compreensão do homem como sujeito nesses contornos.

Com os parâmetros do racionalismo e do individualismo afirma-se a liberdade. O sujeito racional, natural e individual somente se realiza como sujeito pelo exercício da liberdade, baseia-se no indivíduo, nas suas capacidades naturais, entre as quais a razão é fundamental; organiza-se por contratos; deve ser garantida pelo Estado, cujo papel muda

conforme as necessidades impostas pelo desenvolvimento do capitalismo; pode e deve ser exercida no mercado, por meio da força de trabalho e do consumo.

A subjetividade, processo individual que congrega as experiências do indivíduo, sendo, ao mesmo tempo, consequência e condição dessas experiências, constitui-se nesse mesmo processo. Assim, a subjetividade é constituída em relação dialética com a objetividade e tem caráter histórico. Isso quer dizer que é na materialidade social que se encontra a gênese das experiências humanas que se convertem em aspectos psicológicos; quer dizer ainda que as experiências individuais e subjetivas são possíveis apenas a partir das relações sociais e do espaço da intersubjetividade, e que estes têm existência e determinação material e histórica. Configura-se como fenômeno que se constitui nessas condições e que está sempre em processo, uma vez que decorre de situações concretas que incluem, necessariamente, as atividades objetivas e subjetivas do indivíduo.

Processos de Subjetivção na Contemporaneidade

Na qualidade de indivíduo sociável, o homem está em constante relação com o seu contexto sócio-cultural. Sabe-se que esse meio com o qual o sujeito interage também está envolvido nos processos de subjetivação. É o que afirma Rey (2003):

Trata-se de compreender que a subjetividade não é algo que aparece somente no nível individual, mas que a própria cultura, dentro da qual se constitui o sujeito individual, e da qual é também constituinte, representa um sistema subjetivo, gerador de subjetividade. (Rey, 2003, p.78)

Evidentemente, separar sujeito do coletivo é uma tentativa frustrada. A subjetividade dá-se, inevitavelmente, na relação com a coletividade. Entretanto, embora os fatores históricos, sociais e culturais perpassem o indivíduo, o essencial, numa visão fenomenológica, são as significações que o sujeito atribui a sua experiência. Cada pessoa experiencia a vida de um modo próprio, um modo único, com sentidos exclusivos (Merleau-Ponty, 1945). Coadunando com Merleau-Ponty na obra “Signes” (1960) a percepção do sujeito é um fator fundamental para a construção dos sentidos do discurso. Essa forma peculiar, contudo, é sempre um devir, processo contínuo de construção e desconstrução. É sob esse prisma que se propõe, neste trabalho, sem a pretensão de esgotar o assunto, discutir o processo de subjetivação na vida contemporânea e suas implicações na dinâmica psicológica e psicopatológica do sujeito.

Na contemporaneidade, sobretudo no mundo capitalista, uma das principais características da produção de subjetividades, parafraseando Guattari (1999), consiste na tendência a bloquear processos de singularização e instaurar processos de individuação e seriação. Nota-se, portanto, um movimento de deterioração do sujeito e massificação do ser-humano. Esse fenômeno atende aos anseios da globalização e ocorre mediante a imposição de padrões universais preconizados pela mídia e pelo seu arcabouço macroestrutural, sob os quais o homem “deve” se estruturar.

Entretanto, é importante ponderar que essas estruturas sócio-culturais preconizadoras do discurso de padronização dos indivíduos, são também fornecedoras de elementos que propiciam ao sujeito fazer inferências e elaborar suas próprias percepções, fundamentais na definição do simbólico. Nessa perspectiva, o sujeito é ativo. Desse modo, como afirma Rey (2003, p.78), “a subjetividade não se internaliza, não é algo que vem de ‘fora’ e que aparece ‘dentro’”. Portanto, trata-se de uma construção do sujeito a partir da complexa rede de enunciados e experiências que vivencia. Conforme Tedesco (2003), os discursos que chegam ao sujeito são por ele gerenciados e, a esses discursos, são atribuídos novos sentidos de acordo com as expectativas e experiências do sujeito. Esse processo justifica a necessidade de um olhar fenomenológico sobre o ser-humano, pois os conteúdos intrassubjetivos, embora tenham relação com as vivências intersubjetivas e sociais, são determinantes para a dinâmica psicológica do sujeito, inclusive para a eclosão de psicopatologias.

Parafraseando Sathler e Reende (2008) ao mencionar Bauman (2001; 2004), os discursos que configuram a Pós-Modernidade estão relacionados à total ausência de valor que seja sólido. É o que o próprio Bauman chama de “Modernidade Líquida”, em que o sujeito se predispõe a uma metamorfose, mudando conceitos, modificando ou substituindo valores instantaneamente. Trata-se de um sujeito caracterizado pelo descartável, não há solidez de valores. Dessa forma, qualquer valor é admitido ou descartado. Essa experiência parece apontar para a condição ontológica de “ser-aberto”², em que o sujeito afeta o mundo e é afetado por ele. Entretanto, no contexto da Pós-Modernidade, as pessoas deixam-se afetar de forma mais superficial e efêmera, descartando e substituindo estímulos, conceitos e valores mais frequentemente. Mencionando Lipovetsky, Sathler e Rezende (2008) “identifica o momento atual como sendo a Hipermodernidade. A Hipermodernidade põe o sujeito individual acima das regras das leis sociais e até mesmo negligencia as relações mais próximas como as familiares” (Sathler; Rezende, 2008, p.1077-1078) em nome do prazer e da realização pessoal. Segundo

essa visão, o homem vive a era do egocentrismo, em que o “ser-aberto” é determinado pela seleção de possibilidades que favoreçam sua autorrealização.

Esses processos se refletem na produção de subjetividade, que pode passar por um período de incubação, para, posteriormente, eclodir. Não se sabe, embora se vislumbre, que consequências isso trará para as pessoas futuramente. O certo é que essa ausência de valores afeta toda a conduta humana. Como afirmam Sathler e Rezende (2008), “se considerarmos a Psicopatologia como compilação de categorias descritivas de sinais e sintomas, poderíamos propor uma leitura unívoca e patológica do homem pós-moderno”(idem) (grifo). Todavia, como já foi mencionado, a influência desses processos de subjetivação ocorre num contexto interacional, de via dupla, em que o sujeito afeta o mundo e é por ele afetado. Os diversos contextos históricos, políticos, sociais, culturais e pessoais são variáveis que influem no modo como cada sujeito experiencia a existência, no modo como se dispõe para o mundo, como experiencia o tempo e o espaço. Essa influência, por sua vez, sofre oscilações ao longo do tempo.

A Subjetividade enquanto Lugar do Fenômeno Psicopatológico

Na abordagem fenomenológica, as psicopatologias são concebidas como eventos de natureza existencial, isto é, a experiência psíquica do sujeito é atual, vivenciada no instante presente e manifestada por meio de afetos. O fenômeno patológico está inserido num contexto sistemático, cujas vivências funcionam em rede, e os significados associados a essas experiências são de caráter subjetivo, inerentes à construção e à história de vida de cada pessoa.

Nessa perspectiva, ao se estabelecer um diagnóstico, não se pode desconsiderar a subjetividade do sujeito expressa no seu modo de ser-no-mundo. Em consonância com o pensamento de Augras (1986, p.10), diagnosticar é “identificar e explicitar o modo de existência do sujeito, no seu relacionamento com o ambiente, em determinado momento, elaborar um laudo não significa dizer ‘que doença tem’. Personalidade normal é também categoria de diagnóstico”. Entende-se, portanto, que o diagnóstico não pressupõe necessariamente o patológico.

Essa visão aponta para uma proposta descritiva e compreensiva da experiência existencial, que não deve partir do enquadramento em estruturas elaboradas a priori, “o indivíduo não será avaliado em relação a um modelo [...]. O diagnóstico procurará dizer em que ponto de sua existência o indivíduo se encontra e que feixe de indicadores ele constroi em si e

no mundo” (Augras, 1986, p.12). Por sua vez, esses significados não são perenes, eles são dinâmicos, passíveis de mudança. Consequentemente, a compreensão é histórica, momentânea, temporal. Augras reafirma esse pensamento: “Toda modalidade de compreensão a que se chega denuncia a falência do entendimento anterior” (idem, 1986, p.16). Não se propaga aqui um mero relativismo, mas a compreensão de que a relação do ser humano com o mundo é dialógica e contextual. Dessa forma, a compreensão do fenômeno psicopatológico é um processo que se efetiva no aqui e agora, e se traduz no modo de ser-no-mundo, como expressão de subjetividade. Em outras palavras, a subjetividade é expressa através da forma como o sujeito experiencia sua existência. Como afirmam Edwald, Gonçalves e Fernandes (2008, p.20) “o modo como percebemos, sentimos ou vivemos, manifesta-se em nosso modo de agir.”

O Espaço-Configurador da Subjetividade

Convém falar em subjetividade no ponto de vista fenomenológico quando partimos do pressuposto de que sua noção está relacionada ao espaço como fundamental para o encontro das subjetividades, sendo ele o intermédio, a conexão entre o mundo e o sujeito. (Edwald; Gonçalves; Fernandes, 2008)

Neste sentido, a autora trata da construção da subjetividade como algo relacional, dependendo do espaço para que seja construída, porém, aponta como esse espaço pode ser defasador, pois as manifestações das transformações das cidades urbanas, propiciadas pela contemporaneidade, mencionam uma dinâmica social que não permite a conservação de subjetividades (Waizbort apud Edwald; Gonçalves; Fernandes, 2008). Essa dinâmica social parece concorrer para a formação de uma massa homogênea. Entretanto, mesmo diante dessa realidade, é possível a identificação de uma forma singular de ser-no-mundo, emergindo, nesse contexto, o papel da alteridade na construção da originalidade do sujeito. Aqui, faz-se referência aos acontecimentos e processos que deram origem a uma configuração subjetiva singular, ou seja, o que levou um determinado indivíduo a pensar, sofrer e agir de um determinado modo. Trata-se de perceber o que cada indivíduo tem de diferente.

Ainda em relação ao espaço urbano, Edwald, Gonçalves e Fernandes (idem, 2008) acrescentam que “se trata de um espaço que, sendo tão alienado das existências individuais, parece dissociado das próprias subjetividades por servir apenas como meio de circulação [...]”.

Todavia, esse espaço pode ser transformado, e aí aponta para o espaço subjetivo, tido pela fenomenologia como inseparável da constituição subjetiva do sujeito fundamentado nas

relações sociais, que incitam as diferentes maneiras de o sujeito se lançar no mundo, de confrontar-se com a realidade, e na maneira como se dispõe e produz sentido à sua existência (Idem).

Desse modo, faz-se uma ponte com o pensamento de Merleau-Ponty quando afirma ser a subjetividade uma experiência formada a partir do outro, do modo de ser-no-mundo e dos contextos social, histórico e psicológico (Merleau-Ponty apud Capalbo, 2007).

Cada período histórico tem certas fronteiras de subjetivação, um leque de possibilidades que permite ao sujeito organizar a percepção da realidade, a experiência pessoal, os sentidos atribuídos aos fatos da existência e os julgamentos levados em conta para a tomada de decisões.

Segundo Levinás (1981) e Capalbo (2007), a subjetividade é parte fundamental construída a partir da relação com *outrem*, ou seja, é a partir do outro que o “eu” existe, e que se estabelecem relações, a partir de uma convocação de responsabilidade ética para com o outro e seus demais, o que Levinás aponta como alteridade do outro.

Assim, considera-se que a Fenomenologia toma como foco a subjetividade como pertencente ao mundo essencialmente da coexistência, como menciona Augras (1986, p.55), acrescentando ainda que “o homem define-se como ser social e o crescimento individual depende, em todos os aspectos, do encontro com os demais”.

Considerações Finais

A Fenomenologia manifesta a subjetividade humana como algo experienciado unicamente pelo ser, entretanto, vivenciada e compactuada existencialmente com os outros, com as coisas e com o mundo, em seu “ser- no- mundo. Desse modo, a subjetividade humana é representada como algo que aponta o sujeito para o ser projetável no modo como vivencia sua liberdade, no modo como se abre para o mundo e as coisas, no modo como experiencia o espaço, o tempo e a materialidade.

Considerar esse caráter vivencial, experiencial do sujeito é percebê-lo como um ser em processo, em construção, muitas vezes marcados pela efemeridade, desvanecendo e ressurgindo de um modo novo. Assim, convém falar em processo de subjetivação, pois a subjetividade não é algo estático, com limites definitivamente estabelecidos. Ao contrário, é dinâmico, é devir.

A sociedade contemporânea, marcada pelo imediatismo e pela tendência ao descartável, preconiza discursos carregados de uma pseudoliberalidade e fortes apelos a expressões ou atos espontaneístas, como se, de fato, apontasse para a valorização da singularidade humana. Entretanto essas produções delimitam fronteiras, padronizam, massificam o ser-humano, à medida que impõem estereótipos, ainda que enquadrar em um estereótipo, no mundo pós-moderno, signifique não ter um modelo estável. As representações de mundo, o desenvolvimento de uma autoimagem ou sentido de *self* são, pois, permeados por esses processos. Portanto, as implicações desses fenômenos na construção da subjetividade passam pela confluência dos discursos produzidos em níveis macro e microestrutural, porém a forma como tudo isso é experienciado, bem como a concatenação desses discursos são mediados pelos sentidos que cada sujeito atribui a esses fenômenos e, conseqüentemente, pela forma que o indivíduo é afetado por eles.

Nessa perspectiva, o fenômeno psicopatológico emerge como reflexo dos modos de ser-no-mundo, da forma como o sujeito experiencia a própria existência. Essa experiência está para além da sua materialização. Desse modo, a pesquisa ou conhecimento humano não a pode conter inteiramente, pois o acesso à experiência viva da condição subjetiva do sujeito, expressa em seus modos de ser e de existir, não se dá de forma plena, ou seja, a experiência existencial é intangível em algum ponto, não se deixa abarcar em sua plenitude, a não ser pelo próprio sujeito que a vivencia.

Referências

AUGRAS, Monique. **O ser da compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico**. Cap.05. O outro. Petrópolis, Vozes, 1986.

CAPALBO, Creusa. A subjetividade e a experiência do outro: Maurice Merleau-Ponty e Edmund Husserl. **Rev. Abordagem Gestalt**, Jun 2007, vol.13, no. 1, p.25-50. ISSN 1809-6867 [ON LINE] Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>. Acessado em 25/11/2009 às 12:23h.

EWALD, A.P.; GONÇALVES, R.R.; FERNANDES, C. O espaço enquanto lugar da Subjetividade. **Rev.Mal-Estar Subj.**, set 2008, vol.8, no. 3, p.755-777. ISSN 1518-6148 [ON LINE]. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>. Acessado em 25/11/2009.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica – Cartografias do Desejo**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

LEVINÁS, E. **Ética e Infinito**. Ed. 70. France: Culture, 1981.

MERLEAU-PONTY, M. **Phénoménologie de la Perception**. Paris: Gallimard. 1945

_____. **Signes**. Paris: Gallimard. Merleau-Ponty, M. (1963). La Structure du Comportement. Paris: PUF, 1960.

REY, Fernando González. **Sujeito e Subjetividade**. São Paulo: Thomson, 2003.

SATHLER, C.N.; REZENDE, M. M.. Psicopatologia: legitimação de discursos pós-modernos na sala de aula. **Rev. Mal-Estar Sub.**, dez.2008, vol.8, no.4, p.1077-1098. [ON LINE] Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?>>. Acesso em: 01/12/2009.

TEDESCO, Silvia. A Natureza Coletiva do Elo Linguagem-Subjetividade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, jan-ab.2003, p.85-89. Disponível em: <www.scielo.br> Acessado em 28/05/2008 às 20h.

●

Recebido: 03/05/2026; Aceito: 06/06/2026; Publicado: 31/07/2026